

ASSIGNATURAS	
Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

At jam non sumus parvuli factuantes, et circumferamus animi sententiam, in sequitur hominum, in natura ad circumventionem cursum.

(S. Paris, ad Epistolam Cap. V, v. 41. Epistola)

Maranhão, 20 de Maio de 1881

Propriedade de uma associação

O PENSADOR.

MARANHÃO, 20 DE MAIO DE 1881.

A Inquisição em Hespanha.

Afastar da familia, banir da sociedade, essa entidade terrivel, chamada—jesuita—ou—padre romano—é a maior garantia que pode ter a humanidade.

O genero humano não pode viver des-cangalha, o seu futuro correrá sempre perigo, a paz ser-lhe-ha impassivel, em quanto sobre elle pairar, como um abutre faluboso, essa noute, pezada e escura, que se chama—catholicismo.—

O seu sonho doutrado tem sido, attesta a historia, a escravidão universal. Procura aniquilar a liberdade, porque a liberdade é o engrandecimento humano. Todas as vezes que o homem se eleva, as cadeias cabem. O homem logo que ergue-se na Franca a Bastilha tombou por terra.

O catholicismo romano, que é de todas as seitas que conhecemos, a mais perigosa e incompativel com o progresso da humanidade, tem procurado manter os povos a uma ignorancia intoleravel. Eis porque, todas as vezes que no horizonte accende-se uma luz, o padre sopra sobre ella, na intenção de apagala, uma rajada forte de vento. Galileo é forçado a alijurar, Pio IX sacode do limbo do seu rovil—o Vaticano—uma formal condemnação ao século—o Syllabus—esse conjunto de absurdos.

Por toda a parte o padre tenta obstar o grande movimento evolutivo das sociedades. Não quer o progresso. Que ellas permaneçam sempre embrutecidas, que não deem um só passo para frente, é o que tem elle procurado fazer. Em quanto houver homens ignorantes, hade haver fanaticos. O fanatismo religioso é uma fonte inexgotavel de riquezas.

No dia em que o novociro da ignorancia dissipar-se completamente, o religioso desaparecerá, para dar lugar ao pensador. A fé fugirá espavorido ao raiar luminoso da razão. O homem que aceita o dogma, pelo simples facto de ser dogma, o seu espirito assemelha-se a uma camara escura. Acorda-se a luz e os vapores voarão. A luz no espirito faz pensar. Quem pensa, descre. A descrença é a larga porta por onde entrou a sciencia.

FOLHETIM.

UM SAMBA NA VILLA DO PACO.

Seriam 5 horas da tarde.

O sol, descambando no horizonte, dormitava esse clarão vermelho e incommodativo que denuncia a aproximação do crepusculo.

Os passarinhos procuravam pressurosos os galhos mais altos e folhudos, onde costumavam pernoitar.

As Juritys e Nambús soltavam, de tempos a tempos, assovios prolongados e cadenciosos convidando os companheiros a merenda.

Os insectos noctivagos começavam a ensaiar em surdina esse cêro variado de zumbidos exquisitos, parem harmonicos.

As rãs e seus congeneres principiavam, nas margens do afamado cacaueira, esse concerto infernal e monotonico, tão estapido como um sermão do Galdardo.

A sciencia será a religião do futuro. Nesse tempo o raciocinio será para o cerebello o que o paladar é para a boca. E o padre nada mais será do que uma recordação historica.

Houve tempo em que o jesuita foi o mais poderoso dos homens. E foi esse tempo o tempo em que a humanidade mais soffreu. O poderio dos despotes pousa no soffrimento das massas. Onde houver tyranmo não haverá felicidade popular.

Assim foi na epocha em que o jesuita locou ao zenith do seu poder. E tudo o que fez tinha um unico fim:—tornar-se senhor absoluto do mundo.—Nello nada mais havia do que a sede do dominio. Não lhe bastava o das consciencias. Precitava de escravos. Queria o homem.

Para concluir a sua obra, para melhor firmar o seu poder, o jesuita pôe em pratica aquillo que ha de mais hediondo e monstruoso:—a Inquisição.—As paginas da historia, inda ensofadas no sangue innocente das victimas, parecem tremer de horror.

A Inquisição, que é um dos factos mais sanguinolentos e cruéis de que ha memoria, e ao mesmo tempo a mais elevada e eloquente prova da grandeza do catholicismo romano. O inquisidor collocava a corda na garganta do infeliz, ou deitava-o sobre um leito de brazas, e dizia-lhe:—cre—ou—morre.—

Se hoje, no ultimo quartel do século XIX, o papadão ergue o—Santo Officio é porque lhe é meramente impossivel. E que o catholicismo romano, que de ha muito agonisa, poucos dias terá de existencia. A sua morte é inevitavel. Desapparecerá, como tudo que é inutil. O que não pode morrer é a verdade. A sciencia é eterna.

A Inquisição é uma das maiores provas que temos para dizer, que o catholicismo romano é a mais perigosa das seitas predominantes. Tem sido mais prejudicial do que util.

Se a península Iberica quasi deixa de existir no rol das nações, agradece somente a muito santa religião catholica romana.

Custa a crer o que a Inquisição fez na Hespanha. Se os ministros de Christo fossem fígures vestidos de balmas,—ter-lhe-hião propagado a fé com mais amor, com mais doçura. Uma horda, sedenta e fu-

riosa, de canibales teria, horrorizada, recuado ante tanto sangue, condoleo-se ante tantas victimas. Mas o jesuita era inexoravel.

Abramos a historia. Eis aqui uma relação das pessoas que a Inquisição sacrificou em Hespanha desde 1481 a 1820, sob a administração de 45 inquisidores:

De 1481 a 1486, sob o ministerio de Torquemada, 1.º inquisidor, foram queimadas: vivas 10:240; em effigie 7,840; condemnadas a galé e prisão 97:371.

De 1498 a 1507, sob Deza, 2.º inquisidor, queimadas: vivas 2:502, em effigie 820; condemnadas a galé e prisão 32:952

De 1507 a 1517, sob Gimenes Cisneros, 3.º inquisidor, queimadas: vivas 2:364; em effigie 2:232; condemnadas a galé e prisão 48:050.

De 1517 a 1521, sob Adriano Fiorrucci, 4.º inquisidor, queimadas: vivas 1:320; em effigie 560; condemnadas a galé e prisão 21:835.

De 1521 a 1522, interregno.

De 1523 a 1545, sobre Alfonso Manrique, 5.º inquisidor, queimadas: vivas 2:250; em effigie 1:125; condemnadas a galé e prisão 11:250.

De 1545 a 1546, sob Tabera, 6.º inquisidor, queimadas: vivas 840; em effigie 420; condemnadas a galé e prisão 6:520.

Sob Louza, 7.º inquisidor, no reinado de Carlos V, queimadas: vivas 1:320; em effigie 660; condemnadas a galé e prisão 3:600.

De 1556 a 1597, sob o reinado de Philippe II, queimadas: vivas 2:990; em effigie 1:485; condemnadas a galé e prisão 18:450.

De 1597 a 1621 no reinado de Philippe III, queimadas: vivas 1:840; em effigie 692; condemnadas a galé e prisão 10:716.

De 1621 a 1625, sob Philippe IV, queimadas: vivas 2:852; em effigie 1:428; condemnadas a galé e prisão 14:080.

De 1625 a 1679, sob Carlos II, queimadas: vivas 1:630; em effigie 540; condemnadas a galé e prisão 3:512.

De 1700 a 1749, sob Philippe V, queimadas: vivas 1:600; em effigie 750; condemnadas a galé e prisão 9:120.

De 1749 a 1789, sob Fernando VI, queimadas: vivas 10; em effigie 5; condemnadas a galé e prisão 170.

1750 a 1788, sob Carlos III, queima-

das: vivas 4; condemnadas a galé e prisão 50.

1788 a 1808, sob Carlos III, queimadas: em effigie 1; condemnadas a galé e prisão 42.

Total, queimadas: vivas 31:652; em effigie 18:049; condemnadas a galé e a prisão 286:208.

E, no meio do fumo erguido pelas carnes queimadas nas fogueiras, dos gritos de afflicção soltados pelas victimas, o jesuita, tendo nas mãos uma cruz, com o sorriso a tremular-lhe nos labios, os olhos fixos no cêro, murmurava:—PARA MAIOR GLORIA DE DEUS!...

A imprensa clerical.

Antigamente, quando a humanidade gemia debaixo da pressão dos reis e dos padres, o jesuitismo, essa horda infame do assassinos e sicarios, orgulhosa de seu poder e dispendo de todos os meios embora os mais degradantes, ditava leis ao mundo, escravidava as consciencias, matava o corpo, arrancava embora que os pedacos a alma no pobre povo, que gemia agonizante, atado ao poste infamante do terror e do servilismo.

Os reis, esses oppressores e tyranos, esses abutres de forma humana, collocados sobre os thronos pela ineptia e condescendencia dos povos, longe de reagirem contra a serie de desagrugamentos e de crimes, contra as atrocidades inauditas, praticadas pelo padre romano, enervavam as cabeças, dando assim lugar a oppressão e a morte de milhares de seus súbditos.

O jesuita esperto e malvado como sempre o foi, não encontrando quem o detivesse, lançou-se avlendo em conquistas e sedento de sangue a praticar o mal por toda parte em que se apresentava.

Manejando com maestria as armas mais vis como sejam a calumnia, a malvadoz, e a hypocrisia elle marchava ovante, orgulhoso de não encontrar um unico estorço que lhe embaraçasse os passos, semendo em sua passagem a discordia, calcando aos pés a hora e a virtude e punindo com a morte aquelles que se atreviam duvidar de seu poder e de sua feroicidade.

A fera solta da jaula, com os olhos injectados de sangue, a bocca espumante,

los como macaco liberto da corrente e a cada judiciosa observação que lhe fazia o Rvd. papa-pigo, respondia com uma valente punga.

Deitado afinal por terra fugio aterrado Frei Talasco receando perder, a aquella discussão de novo genero, seus raras e querdos dentes.

Estamos em casa de Gerardo de Palácio—o grande festivo da Villa, o terremoto, varrido de ponco, apresenta a perspectiva de circo.

Sentados em caixões e bancos de diferentes feitios ostentavam-se os diferentes sambistas da Villa. A um canto tres tambores, manojados por valentes pulsoes, convidavam os entendidos p' aquelle extravagante folguedo. D'outro lado seu Bicho armado da inseparavel viola, esperava ansioso o momento do chorão.

Chico barbaudo, Maria Januário, Chico Piauí e outros, gotejantes de suor atlestavam o reulhido das pungas. De re-

ali, acompanhado de seus inseparaveis escribas.

O pressapou, lido de ha muito em auditorio pelo nosso amigo professor, provocara a curiosidade d' aquella boa gente, e todos a uma procuravam ver de perto esse BICHO por elle tão decaotado em prosa e verso. Mas ainda não era tudo; D. Gerba, livre das nossas vistas, e do capote que tanto o incommodava, deitara as manguinhas de fora e retomando os antigos habitos, desde pela manhã que espantava aquella população sensata com as suas barbaescas diaburrias.

Animado pelas repetidas libações, ministradas pelo garrafo da branca, que lhe offerecera a Chico barbaudo, D. Gerba estava d'ano e para corresponder a tanta bondade promettera exhibir-se no grande SAMBA que ia ter lugar.

Foi debalde que procuraram dissuadi-lo. Foi debalde que Frei Talasco, com a sua logica branda e preguiçosa, tentou desviá-lo de semelhante proposito. O endemoninhado a nada attendia. Dava pu-

Um tremido de impaciencia denunciava um grande nocteculento.

O que deslocaria aquelles pacificos habitantes do seu sucoço habitual?!—Um facto extraordinario.

D. Gerba, o gaíto D. Gerba, o homem da corneta e do cantochão, estava





própria *Credenciação*—gazeta clerical—que tudo inverte, que faz garbo em menhir, d'elle tratou? Não. O telegramma, pois, é falso completamente. Não me monte-se de uma maneira incrível.

E quem tinha interesse em transmiti-lo, em menti, em amar popularidade longe d'aqui?—E o que breve veremos.

Celebrava-se nesta capital um dos actos mais solennés da paixão de Christo. Como estava acostumado em taes occasiões, o povo affluira ao templo de Santo Antonio. Em breve, elle estava litteralmente cheio. Havia, em sussurro muito natural, onde ha grande ajuntamento de povo. Todos, porém, portavam-se com o respeito devido ao acto. Corriam as coisas regularmente. Nenhuma circumstancia se deu que viesse interromper a solemnidade do momento.

De repente, espalhas-se o boato da chegada do Bispo Diocesano, o Sr. D. Antonio Candido d'Alvarenga. Acostumados de longa data nos actos puros e bellissimos do prelado, todos conhecem que vai dar-se alguma coisa de importante.

Entrando na igreja, S. Exc. Rvmd. vai passando as orelhas de uma creança que commettera o crime de ir ali em mangas de camisa! O tracto da porta da igreja á capella do Senhor Bom Jesus dos Navegantes é empregado por S. Exc. Rvmd. em passar reprehensões nas pessoas alli presentes. Isso, porém, nada era. Ia acontecer coisa muito mais importante...

Chegando áquella capella, S. Exc. Rvmd. dirige-se a duas senhoras distintas da nossa sociedade que, em voz baixa, empromptavam-se. Bate nos hombros de uma dellas. E, com voz carregada e gesto ameaçador, diz que ali não é lugar de conversas e quem quiser conversar vá para a rua!

A vista d'esta affronta, que não era a primeira que soffria, o povo indigna-se. Resage. E o bispo sem educação leve o promio de sua oustada. . . . A repressão, porém, não passará d'uma patetada.

O facto fôra inconveniente. O povo não devereá repellar, n'aquelle lugar e n'aquelle dia, as grosserias do bispo. Devia respeitar lugar e dia. Mas, S. Exc. Rvmd., que o pastor, deira o exemplo do inconveniente. O povo,—as orelhas,—seguiu o exemplo. . . .

S. Exc. Rvmd. é o unico culpado dos acontecimentos.

Quem pois se animaria a menti tam descaradamente? Quem se atreveria a dizer que o S. Sepulchro foi desmarchado, os quadros e vasos quebrados etc.?

Unicamente, alguém que faça garbo da mentira. Alguem que tivesse interesse em caluniar esta provincia.

E quem faz garbo da mentira? E quem tem interesse em caluniar esta provincia?

O padre romano. O padre romano, que quer empolgar as consciencias de seus filhos. O padre romano, cujos lobes ella tem heroicamente repellido.

Duas das dioceses brasileiras tinham passado por uma crise enorme. Dous bispos, embora de talento, mas reaccionarios, tinham plantado a discordia no seio d'ellas. Desorganizadas, porém, elles tornaram melhor partido. Identificaram-se com suas orelhas. E hoje essas mesmas dioceses destrucham as dogmas da paz.

O Maranhão tinha que passar pela provação. A onda clerical voltou-se contra elle. O Maranhão, porém, reuniu todos os seus filhos. Formou com elles um baluarte inexpugnável. E oppozi á onda invasora. O Maranhão salvára-se da mais terrivel de todas as guerras—a guerra religiosa.

Repellido, o padre romano não desanimou. Esperou. Só aproveitava occasião para virar-se da provincia que o repellira.

E esta chegou. O povo, autorisado por um inconveniente do bispo diocesano, praticára outro inconveniente.

Que bella occasião! O padre romano mentiria mais uma vez. Paria crer longe d'aqui que o povo maranhense é um povo selvagem; um povo estúpido! . . . A vingança

era tremenda! Mas o povo maranhense não fôra insultado. A infâmia do jesuita não chegára até elle. Voltara para o proprio padre.

Para vér a falsidade do telegramma clerical, basta compulsar as partes officias da policia, sobre as desagradáveis occurrencias de quinta-feira santa. Para ellas enviamos os nossos leitores. A autoridade procedeu com toda imparcialidade. Buscou o autor das desagradáveis scenas, encontrou-o com o maior zelo. E expô-lo á irrisão publica, embora fosse a primeira autoridade ecclesiastica da provincia—o bispo diocesano D. Antonio Candido d'Alvarenga.

O jornalista moralisado desta provincia, transcrevendo o falso telegramma, endossou-o. A *Credenciação*—gazeta clerical—não o fez, porém. E isto dá ideia d'onde elle partiu. Foi dos padres.

E tu, Maranhão! confina na umbra sendo que teus trilhado. Não consente que o abutre, com suas garras, te dilacere as carnes.

Elle é o padre romano. Repelle-o. Trabalha para o bem de teus filhos. Defende-as com toda o esmero.

Sê digno d'este seculo que teve por heroe essa avizora de liberdade—NOVEMBRO 1872.

COLLABORAÇÃO

O passado, o presente e o futuro.

Permitta-nos o leitor, que representemos as tres epochas da duração do tempo, em relação á diocese maranhense, por tres entidades entre si differentes: o passado—D. Luiz Saraiva, o presente—D. Antonio Alvarenga—, o futuro—pai-de Maya.

N'esta hypothese vê-se que a diocese maranhense tende a desabar!

Outrora, quando occupava o bispado o Sr. D. Luiz, cujas cunzas não têm sido convenientemente respeitadas pelos lajalhores de seu successor, mas cuja memoria será sempre venerada por nós e pela parte sensata de nossa população, os negocios religiosos corrião as mil maravilhas.

Não se via o antigo bispo descer de sua dignidade para, de mitra á la tête e cajado em punho, alforrec com moleques. Não se via igualmente sua Exc. Rvmd. deixar governar-se por padres da laia do conego Mourão, nem tão pouco tornar-se digno de um publico descaço em plena igreja e em um dia tão solenne, como é, o de quinta-feira santa.

Succumbindo o infeliz Prelado ás enfermidades, que lhe atrozanente o acometerão, robando assim á Religião um ministro exemplar, á patria um cidadão prestante, á sociedade maranhense um distinto cavalheiro, não teve a nossa diocese a dita de possuir, como successor de D. Luiz, um outro D. Luiz. Era muita fidelidade para o pobre Maranhão. Veio-nos um novo bispo, um . . . D. Antonio.

Pela irreflexão dos actos do successor do chorado D. Luiz, conhecere-se d'este logo, que elle era vindo de outra pipa. Mas porque razão não seguiu D. Antonio o caminho, que trilhára seu antecessor, desviando-se assim para o precipício, orçando impudicamente? Seria por orgulho? E duplamente tristo errar por orgulho. E se acreditamos, que D. Antonio era por orgulho, é porque estamos longe de suppor, que o seja por ignorancia.

E certo, que o governo central é um tanto exclusivista, mas esse exclusivismo não chega ao ponto de só nomear bispos instruidos para as dioceses do sul; e tanto isso é uma verdade, que já houvera entre nós um D. Luiz da Guariçôia Saraiva.

E' antiga uzança: louvar os mortos, ainda que tivessem sido máos, ou emprostar-lhes boas qualidades, que elles nunca possuirão, no intuito, talvez, de de illudir o chaveiro da celestial morada,

afim de terem suas almas franco ingresso na mansão dos justos; mas nós aqui apenas damos a D. Luiz o que é de D. Luiz.

Se elle não se houvesse recommendado a seus posteros pela magnanimidade de seus actos, nós seriamos os primeiros a acuzal-o, a apontar-lhes os defeitos, pois além da independencia de caracter, que felizmente possuíamos, o fallecido bispo não contempuamos com legado algum afim de que lho fizessemos o seu panygyrico posthumo.

Voltando agora á D. Antonio, força é confessar, que não nutrimos odio á sua Rvmd. pessoa, não temos se quer a menor prevenção contra o actual ordinario e por isso mesmo é que aventuramos estas palavras, pois cremos que sua Exc. é suscetivel de emendar-se e n'esse caso ellas seriam aproveitáveis. Não é um conselho que lhe damos, pois V. Exc. é já velho e nós apenas somos creanças, alem do que ainda nos lembramos que: *subito cavere ad alio consilium dare, stultum esse*.

Mas se sua Exc. fizer ouvido do merecedor; por via da razão, nada mais faz do que authorisar-nos a crer, que só o padre Maya com sua proverbial sapientia poderá substituí-lo. E sim, porque n'esse caso completar-se-ha a escala decrescente, que se nota em nossa diocese; tanto mais que o Sr. padre Maya, se bem que não seja muito favorecido de intellecto, tem contudo bom senso e não será menos capaz de ser bispo do Maranhão, do que o foi o Sr. D. Antonio Candido d'Alvarenga, a quem não condoremos, mas aproveitamos este ensejo para apresentar-lhe nossos respetos e enviar-lhe um Adeus.

19—5—81.

X. Y. Z.

O Rvmd. Padre Fonseca recitando a invocação do culto catholico no Maranhão.

O Rvmd. padre Fonseca, conego fabricado pelo bispo, contra a disposição do art. 102 § XI da Constituição do Imperio; capião capellão do exercito; lente de phylosophia (theologia) do Lyceio; lente de institucões canonicas do Seminario de Santo Antonio; lente de theologia (phylosophia) do Seminario de N. S. das Mercês; progador da diocese; membro da irmandade do coração de Jesus & c. veio no *Paz* de 11 do corrente revelar-nos inconscientemente o estado intellectual da nossa provincia.

S. Rvmd. conta-nos que viu, ha poucas dias, um individuo lendo um jornal á luz das velas do altar, e que um menino apregoava a *Passalho* mesmo dentro do templo de Santo Antonio.

Estes factos revelão simplesmente que o catholicismo está morto, e bem morto entre nós; que nem todas as homelias do Sr. padre Fonseca, nem os sermões do Sr. conego Mourão, e mais as *instrucões* palestradas do Exm. Bispo, com todos os recitativos pedantescos dos formigões, poderão jamais levantar o muribundo que caminha para a morte; isto é, esta instituição que ainda poderia consolar muita gente, se não fôra as pretensões dos jesuitas.

Assim no seculo de Juvenci, endora, na cidade eterna se vissem ainda em todo o seo esplendor os templos de Jano, de Marte, e Capitolio & c. todavia os deuses já se tinham ido embora; porque não satisfação mais as intelligencias. E se ainda nas Gallias (diz Sismondi) via-se algum templo polytheista no seculo V da era christã, era elle visitado unicamente pelas classes illiteratas; pois todo aquelle que se instrua, ou não acreditava mais nos deuses, ou adoptava o christianismo.

Assim estamos hoje. E' preciso convencer-vos, Sr. Dr. Mourão e Rvmd. padre Fonseca, que todos os vossos esforços serão inuteis; a creença catholica vai morrendo porque não quer se collocar de par com a civilisação do seculo; não conseguireis renuir fervorosamente nos templos senão velhas beatas, e meninas que vão á igreja em falta d'uma sala de baile, ou enfim solteironas

passadas, cujos corações não encontram mais quem corresponda aos seus amortecidos lampejos.

Pois todos os instruidos são desertores da theologia.

Uns, d'entre estes, são materialistas, outros livres pensadores, positivistas, etc. etc., mas nenhum theologo.

O facto do individuo lendo um jornal á luz dos altares prova que, para este, e para muitos outros, a luz das velas nos altares, valem o mesmo que a luz dos lampiões das ruas, ou de um candieiro qualquer; e de nenhuma forma indicão uma irreverencia á igreja e aos santos, como suppõe ingenosamente o Rvmd. padre Fonseca.

As igrejas de hoje estão como os templos pagãos no seculo de Luciano. Os deuses cedião os seus lugares aos santos do christianismo. O S. Pedro, que ainda hoje se adora no Vaticano, e nos pés do qual os papas se prostão, é uma estatueta de Júpiter Amón, que passaram do Capitolio para uma igreja christã, no tempo da invasão dos barbaros na Italia; a qual foi conservada pela sua perfeicão artistica.

Hoje o culto do coração de Jesus não tem mais razão de ser. Os jesuitas deixão do adorar a Jesus, para adorem uma parte do corpo do Deus, que é indivisivel; amanhã não sabermos que outra viscera adoração.

Já do Padre eterno não fallão mais; e do filho, Jesus, só se dirigirem á sua viscera do martyr do Golgotha!

Hoje a sociedade tem um culto, muito mais útil, muito mais elevado, grandioso, sublime, que é o culto da Humanidade, guiada pela sciencia.

Não acerta mais velas lentas, caldeirinhas & c. velas antigaihas somente reservadas ás velhas beatas, e solteironas chronicas, e contentai-vos com isto, Reverendíssimos.

Os vossos esforços serão tão improfructos como os d'aquelle que tentasse fazer retrogradar um homem ao estado de menino.

Não conteis mais historias do dabo presidindo uma sessão magica. Isto faz rir mesmo aquelles que ainda não vos abandonaram.

Não ha inimigos da igreja, assim como não ha netos que odeiem suas avós, só porque são velhas.

Limitai as vossas praticas aquelles que ainda precisão d'ellas, e não perturbai a sociedade com pretensões estereis; do contrario a sociedade vos varrerá do caminho do progresso como coisa inutil se não prejudicial á civilisação.

Compadre Matheos.

Semelhança

Uma alvarenga sem leme,  
É qual Bispo sem juizo—  
Aquelle a maré e o vento  
Assignalam a direcção;  
Este, sem autonomia,  
Pobre homem, coifadinho,  
Ha-de ser sempre pupillo  
De qualquer Padre Moirão.

Magrico.

ECHOS DA RUA.

A sentina padresca publicou, no seu ultimo numero, dois notentos engulhos contra a briosa população desta cidade. Um do sr APOSTOLO e outro do infame BRAZIL CATHOLICO.

—A sentina fez bem. Quem se não ella hade estever essas inmundicias.

A mesma sentina propõe para deputado um tal Antonio M. dos Reis!

—Depois da reforma eleitoral não alмира que esse laicio de padre tenha tão atrevida pretensão.

Porque não matou a sentina padresca

CORONICA

o manifesto do talentoso Dr. Felipe Sá, que como nós também pede a separação da igreja do estado!!

—E porque é tão servil, quanto mentiroso.

Diz *Abadi* na *Civiltasão* que o PAIZ foi a unica folha verdadeira na exposição do tumulto de Santo Antonio.

—Agora não sabemos se o P. quando chamou o bispo BOLONIO com certeza foi.

Porque razão guarda *João Gadelhato* um silencio vellico sobre as cartas do Dr. Brandão, Luiz Carlos e Coronel Vasco?

—E porque, provocando-os, tem medo que ainda se faça mais luz.

Consta que o *Vigario de Piracema* vai retirar o seu *colosso* apso a candidatura do talentoso Dr. Jansen Mattos, para não perder a *boa* do seminário.

—Não retira *Vigário*, pois desde ja te garantimos um magnifico jantar diario no *Hotel da Estrella*.

O infame *Mouro-grande* chama *desastre* *jurense* a brilhante defesa do illustrado Dr. Jansen Mattos a *O Pensador*.

—Deve estar satisfeito o distincto advogado, porque o mesmissimo *tartufo* chama *sereno* as palavras do gaúcho *D. Gerba*.

O incomparavel *Tobi* disse na botica que não sabe se os tartufos de Santo Antonio tem razão, mas que não do lado do dinheiro para acabar nos quartinhos.

—E se bem o disse, melhor o fará.

*Frei Miranda* o *denqoso* começou nos seus sermões a insultar *O Pensador*.

—Se continuar, nós obrigaremos o padre a corar com o pinguetimento do excedente... e quem te *vizca* teu amigo é.

Dizem que no dia da *benzedella* do *coração* houve *padre* grosso lá na *Carcerina*, e que foi tal o entusiasmo que chegou a haver *gato* feminino.

—Mas como tudo é em proveito da nossa santa religião, *ava pro nobis*.

Diz-se pela bocca pequena que as caricaturas ultimamente distribuidas são obras dos *Humd.* tartufos.

—Não adimira. Depois da passagem do infame telegrama tudo é creditavel.

O incomparavel *sen Paveza*, no dia da festa do *coração* fez este importante *brinde*: — *nens seohocas e mnhitas seohocas: á saúde da nossa benzedura*.

—Bravissimo *sen Moyses Tado*.

Conta-nos a *Civiltasão* no seu n. 39 que o jovem imperador da China possente, além de outras animarias, 6720 camellos.

—Se *D. Gerba* resignasse o cargo, seria uma ventura para nós e o filho do castelo imperio podia cantar mais um.

O digno inspector d'Alfandega marcou o prazo de 30 dias para que os donas de botas e alvaraugas arquessem as ditas, a fim de verificar-se sua capacidade.

—*João Mouro-grande* diz que não arca a sua porque de ha muito está sabido que *ohi não* a tem.

Movimento dos templos. Santo Antonio na sexta-feira ultima:

Beatas não convidadas.....	41
Ditas da benzedura.....	18
Thesoureira <i>Rebeldes</i> .....	1
Zeladora <i>Beckmann</i> .....	1
Grande chefe das pagões.....	1
Sen puzinho <i>desahucano</i> (*).....	1
Sua quartilha <i>limosa</i> .....	1
Jesuitas ordinarias.....	2
Carrissos diversos.....	41

NB. *Sen Paveza* foi, mais não foi o *Passar la bon*.

*Saver. Pongador*.

(\*) Já quebrou a cabeça de uma preta velha e tem boído em muito cão.

O ultimo n. da *Civiltasão*, o n. 39, esse 39 ás avessas, protesta de principio a fim contra a onda revolucionaria que ameaça subir e estrangular tudo.

E ella tem razão, a *boa* da *Civiltasão* tem razão porque a tal onda toma felizmente um caracter gigantesco.

Fóra de seus habitos o jornal catholico fallou verdade com referencia a essa geração moderna, filha do trabalho e da investigação, essa que tem por alvo a liberdade e vae destruindo o velho mundo para edificar nas ruinas um mundo novo.

E o facto é que a palavra *Civiltasão* trouxe e nós, coitados! não a podemos valer. Si fosse possivel fazer no espaco actual da desta chronica uma revista de todas as instituições que hoje convergem para o mesmo fim, uma revista de todas essas sociedades secretas e revolucionarias, cujo fim solidario é, quer seja um Alemanha, na Hespanha, na Italia, na Hespanha Inglaterra ou na Russia, baquear com o *throno* e com o altar; si tivessamos o espaco, diziamos, lavraríamos de provar que tres terços da actual humanidade é revolucionaria.

Nem podia ser d'outro modo. Não foi delibado que uma geração de heróes regoumos a terra com o suor do trabalho e com o sangue da abnegação.

Hoje o rei, o nosso Imperador, não faz outra coisa mais do que procurar desculpas para sua coroa, elle, o polbre monarcha, desonçerça um pouco, quando tem de colloca-la sobre a cabeça. Outra coisa não se conclue dos pareceres sobre certas commissões que lhe foram apresentadas: outra coisa não quer dizer a protecção escandalosa que ultimamente Sua Magestade finge prestar a sciencia no Brazil.

Porque, no fim de contas—ou bem que somos ou bem que não somos—ou Sua Magestade é o filho de Pedro I, é o defensor da carta, o escravo da metaphisica, o *enfant gâté* da patacada, ou não é—si é, faça guerra a geração moderna, assente os jesuitas nas cadeiras das academias de sciencias, dos collegios, das escolas, obriague o ministerio a castrar o credo todas os saldaços, faça rezo de tres em tres dias uma ladainha pelo Senado, distribua risarios do *Coração* de Jesus por todos os funcionarios publicos, crie um lugar expressamente feito para se estudar a doutrina Christã, subvencie mais algumas duzias de conventos de frades e freiras, declare que o Brazil recebe todo e qualquer frade extrangeiro dos outros paizes, vista-se sua Magestade de farricoco e cummas todos, todos, na devoção.

Mas não nos venha fallar em desenvolver sciencias praticas e positivas nas aulas academicas.

E preciso sermos coherentes—quer Sua Magestade accompanhar a onda, a onda de que falla a *Civiltasão*, essa onda de sangue vermelho e novo que ameaça sufocar o mundo velho? ! essa onda que, sob mil formas e sob mil caracteres, urvide gigantescoemente o throno do Papa e os thronos dos reis? ! Quer Sua Magestade accompanha-la? quer entrar na *pandega* das rapazes? !

Então tenha a bondade de por-se ao fresco, tenha a bondade de despir primeiro o seu pezado manto de purpura, queira desfogar-se de seus hios de tucano, digrese depor sobre uma cadeira a sua coroa incommoda, desolbrigue-se do beñficho que traz ao pescoço porque toda essa quinquilharia peza e com ella um vez de Sua Magestade accompanhar a onda, irá impreterivelmente para o fimdo.

Fallemos claro—o governo monarchico é incomparavel com as sciencias positivistas, das quaes se fez adepto ultimamente o nosso bom ignorancia.

A monarchia não pode existir sem a metaphisica, como o governo do papado não tem razão de ser sem a theologia, como o governo republicano só se accomoda com a philosophia positivista.

E daqui não podemos saber—o governo do papado precisa da mentira, o monarcha da divindade e o republicano da verdade provada. O primeiro é representado por um homem infallivel, o segundo por duas camaras, prováveis, e o terceiro por um povo, sem probabilidade nenhuma.

Si sua Magestade privar-se inteiramente da metaphisica, então que figura fica fazendo sua Magestade no throno? !

Foi por ventura sua Magestade effeito imperador pelos bons servicos prestados ao Brazil? acaso foi o grande talento imperial que collocou o seuhor D. Pedro no throno? Não! sua Magestade é rei, porque nasceu de outro rei e porque tem na liberta uma gota da inspiração divina com que approve a Deus dotar todos os seres predestinados a governar seus irmãos cá na terra.

Mor Dons! para metaphisica! Sua Magestade é escravo do destino! Si sua Magestade não quizer acreditar na influencia celeste sobre as cousas cá deste mundo, si sua Magestade não se supprime inspirado por Deus para governar seus povos; si sua Magestade está convencido que a politica, a sciencia de governar as massas e uma coisa toda mundana, que se aprende em galancho cá na terra e não que se recebe em fascas inspiradoras lá do céu, si assim é! si sua Magestade está como nos convencido que é de carne e osso, que pensa porque tem uma certa dose de phisipharo no cerebello, então, resolve-se a descer do seu throno, aitre pela janella a sua coroa, sentese em uma cadeira de palhinha, peça um chapim de pelo como o de Mr. de Grey e tropeie o seu sceptro inutil por um guarda-chuva necessario.

E quando sua Magestade estiver assim restaurado pode descer a bond, de S. Christovão e vir ao Becco das Cancellas tomar uma chicara de café com alguns politicos, que dizem batendo-lhe na barriga—Então, seu Pedro, como vae isso??

E nesta crise, é com as cousas neste pé que a *Civiltasão* agatanda-se toda porque—*a onda revolucionaria sube*.

Tem paciencia, collega! resigna-te, que o teu bom tempo já passou. Agora é abaihar a cabeça e deixar que a onda suba!

Olha! quando estiveres com agor pelas pernas, ajoelha e entrega a alma à Deus, porque do corpo, f'sse precisamos nós—para estorço!

Pontaste, ó frenetica *Civiltasão*, a tua situação presente com umas cores bem carregadas, pontaste o padre a teu respeito!

Entretanto não disseste tudo—a verdade é ainda muito mais feia do que suppes! O perigo é muito maior! A onda, que tu suppes estar longe, está prestes a te devorar!

Tuas palavras de indignação, escriptas para estigmatizar o *capozo* desentredado, produzem no publico o effeito justamente contrario ao que contavas—ellas aleggram e incham de consolação a nosso povo, porque são um triste documento contra ti, ó *Civiltasão* e contra os teus sequeazes, ellas confortam porque dizem perfectamente a tua derrota, ellas nos fisonceiam porque mostram a nossa fortaleza e a nossa superioridade!

E ainda confessas, ó toleirou! que tens medo! Tens medo da onda! ?

Mas o que queres que te fagamos? ó desgraçado! Por mais leaes que sejamos não te podemos valer. Pensarás por ventura que essa onda, que te sufoca, que te opprime, que te obriga a abaihar a cabeça, é obra nossa? !

Pensarás que é nosso o pulso vigoroso, que te obriga a dar combalhotas, como o macaco na praça publica fustigado pelo chicote?

Si pensas isso estás enganada—a onda é uma geração inteira; o pulso não é nosso, é do nosso seculo!

Queres te queixar—queixa-te do mundo! queixa-te da sciencia, queixa-te do progresso, queixa-te da civilização!

Temos lá culpa que hoje se riam quando te choras. Temos lá culpa—que sejas

apedrejada, que... viajada, cuspiada e puzada aos pes? !

Quem não quer ser lobo não lhe vista a pelle.

Si não queres que a população desta cidade te fallasse ao respeito, para que foste a primeiro a fallar-lho, já contando a *historia do diabo*, já passando descomposturas do pulpilo e maltratando nossas famintas? !

E ló! Pensarás por ventura que tens algum privilegio, que tens as costas quentes, que tens dentro o espirito santo? !

Faize isso e não camilhes direito! convence-te que não estás entre fotocodas—que aqui o padre é um homem como outro qualquer, com a unica differença que para viver não trabalha como os mais—reza! E um typo que se vae deixando viver pra ali, na obscuridade de uma vida sem trabalho e sem dignidade, comendo de camaradagem com a companhia dos magros colares do emprego ou de alguma missa desgarrada.

Quando elles se contentam com isso, nós nada temos com elles, não lhes fazemos mal, porque, fazer mal aos animaes é indice de um caracter. Mas quando elles mettem-se a cebo e querem invadir todos os terrenos, quando elles querem que nossas mulheres deixem a casa pela sacristia, quando nos invadem o lar—nós lhes combatmos a orfina e batamos-lhes a pontagas para fora de casa.

Es ali o que ha! Já vè a senhora *Civiltasão* que, por melhor vontade que tivermos a seu respeito não a podemos valer. Sofra! soffra cabada, que isto de estar com iamurias é feio, é repugnante!

Tolavia temos pena, porque não somos de pedra, e já que a *Civiltasão* entendeu que temos algum prestigio entre o povo desta cidade, terminamos com o seguinte pedido.

AO PUBLICO

Si tens, o bono povo maranhense! um pouco de coração, si ainda existe em ti aquella proverbial bondade, que sempre te combecemos, faze-nos um favor—é uma obra de caridade—não desgates a *Civiltasão*. Tem do da polbre desgarrada que o animo mais infeliz de que supplicas. Vamos, povo! por quem és, nada de bondade!

ULTIMA HORA.

AO PUBLICO

Si não podemos neste numero tratar da questão do processo instaurado ao nosso brioso impressor Antonio Joaquim de Barros Lima, por queixa dada pelo *angelico* e *piadoso* padre Baplista e no qual hontem proferio sentença condemnatoria o sr. Dr. Bverton Maya, pela hora em que soubemos de tal sentença e da desistencia que, ao terminar de sua leitura, fez da queixa o mesmo *piadoso* ministro de Christo. Mas promettemos faze-lo com a maior independencia em boletim especial.

Por ora, neste numero, só temos tempo de dizer:

Essa desistencia, que tanto indignou a população d'esta cidade, foi uma carreira de covarde.

Recuem já?

Pois nós agora é que comecamos a avançar.

Até breve.

Maranhão.—Typ. de Frias & Filho Imp. por Antonio J. de Barros Lima.